

MARCELO TEIXEIRA DE SALES

*UM ROSTO
NO ESPELHO*

UM ROSTO NO ESPELHO

UM ROSTO NO ESPELHO

ÍNDICE

Capitulo um.....	07
Uma explosão trágica	
Capitulo dois.....	09
O inicio da investigação	
Capitulo três.....	19
O encontro com a esposa	
Capitulo quatro.....	24
Um fato novo	
Capitulo quinto.....	28
Uma prisão desastrada.	
Capitulo sexto.....	34
De volta à investigação	
Capitulo sétimo.....	48
A reunião.	

UM ROSTO NO ESPELHO

Capitulo oitavo.....	51
O encontro com o juiz	
Capitulo nono.....	57
Uma nova diligencia	
Capitulo dez.....	63
A confirmação do crime	
Capitulo onze.....	70
O pastor fanático.	
Capitulo doze.....	77
Uma nova lista de suspeitos	
Capitulo treze.....	80
Um novo crime	
Capitulo quatorze.....	83
Uma nova ameaça	
Capitulo quinze.....	85
De volta à terra natal	
Capitulo dezesseis.....	105
De volta à capital	
Capitulo dezessete.....	110

UM ROSTO NO ESPELHO

O encontro com o padre

Capítulo dezoito..... 112

Uma nova fuga do meliante

Capítulo dezenove..... 116

Uma vítima insubstituível

Capítulo vinte..... 122

Uma missão impossível

Capítulo Vinte e um..... 130

Os crimes não param

Capítulo vinte e dois..... 134

A ordem de prisão

Capítulo vinte e três..... 139

A pista reveladora

Capítulo vinte e quatro..... 146

Uma vítima inesperada

Capítulo vinte e cinco..... 149

O galpão escuro

Capítulo vinte e seis..... 159

A prisão do meliante

UM ROSTO NO ESPELHO

Capítulo vinte e sete.....162

A grande notícia

Capítulo um

Uma explosão trágica

Era janeiro de 1999. Os fatos relatados a seguir aconteceram na cidade de Belo Horizonte, cidade conhecida pelos seus horizontes, linda e muito boa pra se viver, que fica no estado de Minas Gerais. Para ser mais preciso numa praça conhecida pelos moradores como Praça Raul Soares.

No meio de muitos ruídos diferentes, que iam desde o ruído dos carros acelerando, parando, ou buzinando , passando pelo som agudo produzido pelo contato do metrô com os trilhos de ferro, ou mesmo de pessoas conversando, era início da noite quando aconteceu um ruído que se destacou dos demais pela sua intensidade, todos ouviram, a pergunta geral era: Que barulho teria sido aquele? Alguns

minutos depois, ouve-se o barulho de sirenes de policia ecoando pelas ruas da cidade, as viaturas da policia eram acompanhadas de caminhões do corpo de bombeiros e carros conhecidos como resgate, carros estes usados em situações de acidentes onde com certeza as vítimas teriam se machucado com gravidade, aquele movimento mesmo para cidade metrópole como Belo Horizonte não era normal e as pessoas estavam apreensivas, pois tinham certeza de se tratar de algo muito grave, até que veio a notícia por meio de alguns transeuntes que por ali passavam e que fizeram com que a notícia se espalhasse rapidamente. Era uma explosão, e de grandes proporções o que deixava as pessoas em verdadeiro pânico, pois este tipo de acontecimento não era corriqueiro nesta cidade e muito menos no país.

A explosão ocorrera num templo religioso onde as pessoas estavam reunidas para louvar a Deus.

Capítulo dois

O início da investigação

Na delegacia que recebeu a ocorrência, todos ficaram perplexos com o acontecido, pois os policiais não tinham, em hipótese alguma, recebido uma chamada desta natureza.

O policial designado para atender ao chamado era o Delegado Márcio Antônio Xavier, mais conhecido como “Max”, homem de 33 anos, casado, sem filhos, mas que estava prestes a conseguir a adoção de uma menina de 14 anos, que se chamava Flávia Moreira Diniz e morava num orfanato. Policial competente, embora com pouca idade, se destacara e muito no meio policial a ponto de estar concorrendo ao cargo de superintendente da polícia, cargo

este que poucos delegados chegam a ocupar por ser de muita responsabilidade, aliado a uma carga política muita grande para se obter a indicação, contando como requisito básico um histórico quase heróico de serviços prestados ao estado.

Além de “Max”, havia outro importante membro da força policial a concorrer a este cargo, era o delegado Pedro Peron, que embora não tinha a mesma eficiência do “Max”, tinha o apoio por parte dos delegados mais velhos e conservadores que tinham muita força política junto aos responsáveis pela indicação. Peron alem de não ser tão brilhante quanto "Max", era um homem de caráter duvidoso e não tinha limites para conseguir seus objetivos, e embora contasse com o apoio dos conservadores da policia, pesava sobre ele as acusações de ter forjado provas para incriminar um homem acusado de homicídio de um político da região, e estes fatos, que poderiam impedir definitivamente sua candidatura ao cargo de superintendente de Policia, foram descobertos exatamente

pelo Delegado "Max", o que dava à disputa um aspecto pessoal.

Enquanto "Max" se dirigia ao local, numa viatura da policia, junto ao seu auxiliar Miguel, e acompanhado de outros carros da polícia pericial. "Max" se questionava. Que tipo de explosão seria aquela? Seria algum acidente, ou não? Algum fanático religioso numa atitude extrema, como no oriente? Perguntas que só teriam respostas após chegarem ao local, o que não demorou muito devido à proximidade da delegacia.

A situação em que se encontravam as pessoas vitimadas pela explosão era assustadora, havia muitos gravemente feridos, muitos mortos, os gemidos tomavam conta do local, e o sangue era o principal personagem, pois todas as pessoas, sem exceção, tiveram algum tipo de ferimento e as pessoas faziam o que podiam para ajudar àquelas pobres pessoas vitimadas pela tragédia, muitos voluntários, além de bombeiros que não paravam de

chegar. A destruição do prédio fora quase total, era um galpão muito grande e com estrutura de aço sustentando o telhado, além de um forro de gesso que desabaram sobre os fiéis, e os escombros eram uma barreira quase intransponível para o socorro necessário às pessoas feridas. Seria necessário o uso de máquinas para conseguir retirar todos os corpos daquele local, e não eram poucos, pois havia centenas de pessoas na hora do acidente, e poucas paredes ficaram de pé.

Foi montado nas imediações um hospital precário que seria usado para os primeiros socorros às vítimas antes de encaminhá-las aos hospitais mais próximos. O delegado “Max” já começara a investigar sobre o ocorrido, logo que chegou ao local, perguntando àquelas pessoas menos atingidas o que teria acontecido de fato.

Numa conversa com um rapaz, o delegado perguntou:

— Como se chama?

— Meu nome é Geraldo. E ao ouvir a resposta e anotar num papel rascunho, “Max” perguntou:

— Você viu o que aconteceu aqui?

— Sim. Tudo ocorreu muito rápido e logo que aconteceu o grande estrondo tudo já veio abaixo na direção das pessoas, que não tiveram o menor sentido de reação, mas, até o momento da explosão, o encontro vinha se desenvolvendo na maior harmonia sem nenhuma surpresa.

A afirmação do rapaz o delegado veio a confirmar com outras vítimas mais tarde.

Depois dos depoimentos rápidos daquelas pessoas seria a perícia técnica a esperança de surgir pistas que descem um sentido àquela tragédia toda. Ao se dirigir ao encontro dos peritos, um numero escrito com tinta brilhante intrigou “Max”, era o numero 5.1, e o numero chamou atenção por estar escrito com tinta fresca numa cor amarela bem forte e apesar de tudo o que aconteceu ali, não havia nenhum resquício de poeira sobre a tinta o que deixou claro que aquilo foi escrito após a explosão, e o próximo passo era achar o responsável pela reunião para esclarecer aquele

numero que destoava de tudo que ali estava. Depois de perguntar àquelas pessoas sobre o paradeiro do responsável, “Max” descobriu que ele se chamava Francisco de Almeida, e que já fora medicado e levado ao hospital para exames mais precisos sobre seus ferimentos, “Max” solicitou ao seu auxiliar:

— Miguel, descubra qual hospital foi levado o homem. O que não demorou muito até que ele veio com a resposta.

— Ele foi levado ao Pronto Socorro da cidade.

“Max” solicitou aos peritos que observassem a tinta e que suas conclusões deveriam ser levadas ao seu conhecimento mais tarde na delegacia, ou quando eles se encontrassem, e se dirigiu ao Pronto Socorro a fim de ter, com o Sr. Francisco, alguns minutos de conversa se possível, caso o homem estivesse em condições de falar.

Ao chegar ao Pronto Socorro, dirigiu-se até a portaria, no setor de informações, se identificando como policial, e perguntou:

— Qual o destino do Sr. Francisco e qual o seu estado de saúde?

E foi prontamente atendido pelo funcionário responsável pelo setor, indicando um corredor que dava num elevador, dizendo:

— No final do corredor o senhor deverá entrar à direita, subir até o quinto andar, dirigir-se ao quarto 13. É onde se encontra, sob os cuidados do médico de plantão, o Sr. Francisco.

Seguindo o roteiro descrito pelo funcionário, e acompanhado de seu auxiliar Miguel, o delegado chegou ao encontro do médico que indicou o Senhor cujas respostas seriam de vital importância para a investigação.

Era um senhor claro, alto, com feições tranqüilas e apesar do que acabou de passar e se mostrou bastante interessado em ajudá-los a esclarecer o motivo daquele sofrimento todo.

O delegado questionou:

— Quais eram as condições de segurança do local?

O Sr. Francisco deixou bem claro:

— local era vistoriado sempre pelos homens do corpo de bombeiros e todas as reivindicações feitas por eles, sempre foram, de pronto, atendidas.

— Qual o significado da escrita “5.1”, feita na parede do templo e por que ela está ali?

O homem ficou bastante espantado quando os policiais perguntaram a ele e depois de refletir sobre a pergunta disse:

— Que escrita é essa?

— É uma escrita que está numa das paredes, perto do altar.

— Não acho qualquer sentido para esta escrita, porém, este tipo de escrita é amplamente usado na Bíblia, caracterizando os capítulos e os versículos, mas, com certeza, não estava neste local descrito pelos senhores antes, ou durante o encontro. Acredito mesmo na possibilidade de ter sido feito após a explosão.

“Max” então se deu por satisfeito, agradeceu a colaboração do homem e despediu-se sem mais demoras.